

7.

Sobre a consciência do risco: retomando os discursos dos jovens

“Abrindo um antigo caderno foi que eu descobri:
Antigamente eu era eterno.”
(Leminski)¹⁸

“Podemos dizer que os jovens cariocas, nascidos a partir dos anos 70 têm um ponto em comum: cresceram e foram socializados em tempo de “cultura do medo” (Novaes, 1997, p.119).

O pequeno poema do escritor curitibano Paulo Leminski faz alusão a um tempo completamente distinto do citado por Regina Novaes. Leminski, professor, poeta escritor, nascido na década de 40, viveu o auge de sua fase adulta em meio ao golpe de 64 e início do governo militar no Brasil. Ninguém pode dizer que era o melhor dos tempos, lutava-se contra a ditadura, o cerceamento da liberdade de expressão, repressões de toda ordem. Pode-se até dizer que se convivia com o medo, no entanto não se tratava de uma “cultura do medo” como menciona Novaes. As coerções eram combatidas nas ruas, sobretudo pelos jovens. Abramo (2007) destaca que

no Brasil, é particularmente nesse momento que a questão da juventude ganha maior visibilidade, exatamente pelo engajamento de jovens de classe média, do ensino secundário e universitário, na luta contra o regime autoritário, através de mobilizações de entidades estudantis e do engajamento nos partidos de esquerda; mas também pelos movimentos culturais que questionavam os padrões de comportamento – sexuais, morais, na relação com a propriedade e o consumo (p.82).

Os movimentos juvenis de contestação e contracultura condensavam a esperança de transformação. Ao mesmo tempo em que quatro baianos cantavam que *é preciso estar atento e forte/não temos tempo de temer a morte*¹⁹. Outros tempos, sem dúvida.

¹⁸ Melhores poemas de Paulo Leminski. (seleção Fréd Góes) Global, São Paulo, 1996.

¹⁹ “Divino Maravilhoso” (1976) é uma composição do grupo de MPB Doces bárbaros dos anos 70 formado por Caetano Veloso, Maria Bethânia, Gilberto Gil e Gal Costa.

Em consonância com a epígrafe de Novaes, Daniel Cara e Maitê Gauto (2007), no artigo *“Juventude: percepções e exposição à violência”* destacam como a experiência da violência entre os jovens – marcada pela vigência dos altos índices de homicídios juvenis – e a sensação de medo promoveram uma mudança significativa no padrão de preocupações dos jovens. Diz os autores que

se o ingresso no mercado de trabalho se configurou como uma preocupação clássica dos jovens, as questões relativas à violência constituem suas preocupações contemporâneas, obtendo uma impressionante centralidade a partir de meados dos anos 1990. Assim, é possível dizer que o sentimento do medo é um traço característico das populações jovens atuais. (p.179)

No início do trabalho afirmou-se que a proposta fundamental desta pesquisa era investigar o modo pelo qual os jovens vivenciam a experiência da violência e do risco, tendo como fio condutor três questionamentos básicos: qual o impacto nos jovens da convivência indistinta com a morte imposta pela violência urbana? Que tipo de experiência subjetiva em relação à própria finitude a proximidade com a morte do outro desencadeia? Qual a possibilidade que os jovens têm de planejar o futuro, inseridos numa realidade que questiona o porvir a partir da freqüente incidência de morte prematura?

A partir dos depoimentos dos jovens sobre as notícias de jornal foi possível ter uma idéia de como os jovens se relacionam com as situações de riscos e violências impostas. Mas foi, sobretudo a partir da segunda rodada da *rodas de conversa* que os jovens forneceram, de forma mais objetiva, respostas para as indagações propostas na introdução do trabalho.

Após o debate sobre as notícias de jornal os participantes foram questionados como eles experimentam a realidade permeada por violências e estados de vulnerabilidades múltiplas. – “Com medo” foi a resposta imediata e uníssona. Na fala da jovem Rafaela é possível perceber o medo e desconfiança como conseqüências primárias da convivência com a violência.

Rafaela – *É com muito medo porque hoje em dia, qualquer atitude que você tenha já te olham de lado, já acham que é o contrário, sabe? Um jovem andando na rua de bermuda, chinelo e camiseta você já olha para ele assim... será que ele vai me assaltar?(...)“É complicado porque as coisas foram muito distorcidas com o tempo. Acho que não existe mais aquilo que é certo e o que é errado porque a gente mistura, a gente confunde. A gente não sabe se estamos seguros e se o outro está seguro.*

Cano (2009) em artigo “*A vivência subjetiva da violência entre jovens do Rio de Janeiro*” busca exemplificar o modo pelo qual os jovens vivenciam a experiência da violência a partir de relatos e evidências colhidas ao longo dos anos em múltiplos projetos de pesquisa relativos à violência.

O autor pontua as reações mais frequentes perante a violência, listando desde dores físicas e traumas até sentimentos de impotência, raiva e desejo de vingança. Este último responsável pelo incremento da violência uma vez que a retroalimenta e a reproduz. O depoimento de Rafaela revela o medo que desencadeia as sensações de insegurança e desconfiança permanentes, reações também contempladas pelo autor. A esse respeito Cano comenta que “um dos elementos mais importantes na determinação do nível de ameaça subjetiva é o grau de previsibilidade do evento negativo.” Isso se deve pelo fato de que quando o evento é relativamente previsível é possível estabelecer estratégias para se defender ou evitar. No entanto, “quando é aleatório, pode acontecer em qualquer lugar e momento ou com qualquer pessoa, o evento é vivenciado como algo muito mais ameaçador e as pessoas tendem a se sentir mais vulneráveis.” (p.59). A sensação de imprevisibilidade se confirma também na fala de Robson.

Robson – *Hoje a gente sai de casa sem destino, a gente sai de casa, mas não sabe se a gente volta. Nós estamos vivendo em um mundo muito perigoso, a gente bota o pé para fora do portão de casa e a gente não sabe se vai botar o pé do portão para dentro.*

Jordana complementa dizendo do medo nas ações corriqueiras do cotidiano. “*Medo de ir para lugares que a gente frequenta e morrer. A gente não sabe se vai para a Lapa um sábado e vai voltar para a casa.*” Em seguida, Carolina narra um acidente envolvendo amigos de amigo e comenta como é difícil perceber o risco mesmo estando tão perto. “*Aconteceu tão perto, você fica muito assustada, você não consegue se tocar do que aconteceu. Eu poderia ter entrado naquele carro e ter voltado junto com eles para casa (...) e você fica com medo de tudo*”

Ambos os depoimentos, de Jordana e Carolina, falam de um sentimento de insegurança e perplexidade diante de fatos violentos e de risco. A morte dos amigos de Carolina em um acidente de trânsito a conscientiza do risco ao qual ela estava sujeita, entretanto a jovem reconhece que a proximidade do fato ao mesmo

tempo que alerta também a impede de perceber com clareza. Nos dois casos, o resíduo das experiências é o medo.

Nessa perspectiva, Soares (2005) chama atenção para a importância da dimensão subjetiva no trato do problema da segurança pública. O antropólogo destaca que um evento violento gera mais vítimas do que aquelas envolvidas diretamente no fato. A violência desencadeia a cultura do medo e da insegurança e por isso constitui equívoco negligenciar os desdobramentos do ato violento.

A dimensão subjetiva é parte relevante da segurança pública e deve ser um dos alvos de qualquer política de segurança que mereça este nome: seja porque as pessoas sofrem não só pelo que vivenciam no domínio estrito dos fatos criminais, seja porque sua experiência interior, indissociável da cultura intervém no mundo prático e gera fatos de várias maneiras diferentes. (2005, p.185).

No depoimento de Gisele é perceptível o incremento da violência em seu imaginário a partir do conhecimento e proximidade de violências que ela propriamente não viveu. A jovem fala da impossibilidade de não se afetar com os eventos violentos uma vez que eles podem acontecer em qualquer lugar e a qualquer pessoa.

Confrontada com notícias que apresentavam óbitos causados por policiais e por motivos banais, a jovem mostrou-se indignada e disse ser *“impossível não se afetar com essa realidade”*. Apontando para outras notícias ela diz:

Gisele – é complicado, porque todos esses lugares: a boate, as festas, são lugares que a gente costuma frequentar, como aquele menino que foi morto na Lapa, são lugares que a gente frequenta, que todos nós iríamos no final de semana e se a gente não conhece a pessoa (vítima) conhecemos alguém que conhece, sabe? E não tem como não marcar, não tem como não traumatizar de certa forma.

Nesse momento, a consciência da fragilidade da vida foi ressaltada. O passado foi trazido como um tempo idealizado com mais paz e ideologias.

Gisele – Foi-se o tempo em que as gerações jovens se consideravam imortais (...) hoje em dia todos nós temos a consciência de que a gente pode sair e vai morrer, por mais que digam que não, tem dentro de cada um esse receio porque não tem como se alienar. Você pode não ler jornal, você pode não ver essas notícias, mas você conhece alguém que conhece a pessoa que morreu ali na esquina.”

Gisele destaca que a permanente convivência com a morte e com o risco cria traumas e deixa marcas e narra um diálogo que teve com uma criança de sete anos, freqüentadora de uma instituição onde a jovem faz trabalho voluntário.

Gisele – Eu fiquei com ela porque a mãe dela tinha ido para o enterro da sua prima, aí ela me perguntou: – “porque toda a minha família tem que morrer?” Ela já perdeu o pai, ela perdeu a prima, ela já perdeu a irmã. E aí? Ela tem sete anos, entendeu? Ela convive com isso e isso a traumatiza de uma forma. E o que eu ia responder para ela? O que eu ia falar para essa menina. ‘Porque minha família tem que morrer de tiro, onde eu moro, em frente à minha casa? Não tem o que falar, vou falar o que?’

Para a jovem a impossibilidade de se alienar deve-se também ao fato das mortes acontecerem em lugares conhecidos, tantas vezes freqüentados e pela rede de relacionamento que resulta numa sensação de proximidade do fato e da vítima.

A esse respeito, Jordana ressaltou que ao mesmo tempo em que a morte (do outro) pode trazer reflexões positivas como o senso de responsabilidade, prudência e precaução, ela pode também tornar-se experiência banal, uma vez que estamos todos vulneráveis e podemos morrer a qualquer momento, mais vale viver a vida sem preocupações, aproveitando ao máximo os momentos. Assim banalizada, a morte torna-se demasiado habitual para ser notada e excessivamente habitual para despertar emoções intensas (Bauman, 1998, p.199). Seu depoimento expõe duas possibilidades de experiência subjetiva em relação à própria finitude que a morte do outro pode desencadear: o zelo e a inconseqüência.

Jordana – Acho que a violência afetando os jovens é meio oito ou oitenta. Porque assim, eu vejo muitos jovens com medo de sair para a rua, eles ficam muito em casa, no condomínio, muito com medo e vejo outros que falam – ah! Eu posso morrer a qualquer momento então eu vou fazer o que eu quero e isso explica um pouco desse negócio do jovem ser muito morto, é porque tem isso, de aproveitar o momento, sabe?

Ela continua:

Jordana – E os que são afetados diretamente ou indiretamente acabam tendo uma consciência maior, tipo, talvez política sobre a polícia, a violência. Acho que os jovens, alguns, estão mais conscientes, estão querendo participar, mas não tem muito uma ideologia de acreditar que vai fazer uma passeata e que as coisas vão mudar, ele tem essa consciência e não tem muita esperança.

Foi interessante perceber que apesar do alto nível de consciência dos jovens acerca dos riscos impostos pela violência urbana, nenhum participante explicitou um medo real de morrer. Embora, se reconheçam em um contexto de risco todos concordaram que não dá para fazer nada e que a vida deve ser vivida evitando paranóias. Nesse sentido, o futuro não aparece como um tempo questionável. Segundo os jovens, embora o perigo exista, ele é uma contingência da vida e não dá para viver pensando nele.

Jordana – Acho que é mais os pais que sentem a gente vulnerável, eu não me sinto muito vulnerável não (...) óbvio que sim, mas acho que não tenho muito essa consciência: ah! Vou para Lapa pode acontecer alguma coisa, to passando pela Rocinha posso tomar um tiro. Acho que é o meu dia-a-dia, acho que eu reprimo isso para não ficar com medo.

Vinícius completa: *“pois é, cê vai deixar de viver? O negócio é esse.*

Cabe ressaltar, no entanto que nessa pesquisa não conversamos com jovens envolvidos em atividades criminosas. Quando consultamos estudos, pesquisas e publicações²⁰ focadas na experiência de jovens trabalhadores do crime organizado percebemos que a noção de finitude e expectativas para o futuro se alteram. Eis um exemplo. Em uma das *rodas de conversa*, uma jovem citou o caso do seu sobrinho – viciado em droga e envolvido em atividades ilícitas – e em seu depoimento Graziela prevê uma vida curta e um final violento para o jovem.

Graziela – tem um fato que acontece lá na minha família com um sobrinho meu que é jovem, ele rouba, ele se droga e hoje ele fala que não quer saber de mais nada, porque a mãe não deu carinho, o padrasto não deu carinho, e hoje em dia ele culpa até a gente também, minha mãe que é a avó dele, eu que sou tia. E hoje em dia ele mesmo fala que a vida dele é boa porque ele fuma, ele rouba, ele cheira. E eu acho que isso não leva e nunca vai levar ninguém a lugar nenhum.(...) Ele diz: ah, eles não vão me pegar mesmo, eu sou menor de idade. Eu digo: mesmo que você não pague lá na cadeia, eu acho que você vai encontrar alguém que vai fazer uma covardia com você e acho que vai ser bem pior. Isso não leva ninguém a lugar nenhum, leva sim: para o buraco, amanhã tá lá na vala.

²⁰ SOARES, L. E.; MV BILL; ATHAYDE, C. *Cabeça de porco*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

MV BILL; ATHAYDE, C. *Falcão: os meninos do tráfico*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

Outros depoimentos destacaram que a preocupação, de fato, é dos pais e criticou a vulgarização da condição de risco dos jovens.

Elaine – Acho que socialmente é normal as pessoas verem os jovens nessa condição de estar em perigo sempre. Acho que ninguém pensa que nós não estamos em uma condição de perigo. Toda vez que eu saio de casa minha mãe fala – oh, cuidado porque você é muito jovem. Socialmente é assim. Você pode ser jovem, mas tá quieto dentro de casa, você tá correndo mais risco que todo mundo e é fato isso, entendeu? Então acho que ficou muito banalizado. Ah! Você é jovem, então não sai não porque com você é mais perigoso, tá mais fácil você morrer, se você tiver acima de 30 então tá mais fácil você se salvar. É normal. Não deveria ser, mas é normal.

Sua colega de grupo, Érica destacou que o medo é proveniente também da ação dos outros. Embora, a jovem seja segura em relação as suas posturas e ações, em sua fala é perceptível o desconforto frente à falta de autonomia e insegurança em relação ao outro, desconhecido.

Érica – Hoje em dia a gente tem medo até de sair de casa, mas não por mim, eu não bebo, não bebo por opção, mas conheço gente que bebe. Então tenho aquele receio porque, por exemplo, você tá em um show ou em uma boate e você esbarra em alguém, a pessoa já acha que você tá querendo confusão. Eu não tenho medo por mim, eu confio em mim, eu tenho medo é pelos outros. É como no trânsito: a gente sabe que não bebeu, mas e os outros?

Analisando a fala dos jovens percebemos que as representações coletivas em torno da violência têm uma elevada dose de envolvimento pessoal, tanto nesta como em outras áreas da nossa vida social. Baseada nos temores, nas experiências imediatas ou próximas, nos sistemas de valores, na dramatização de certos fatos e na banalização de outros, essas representações tendem a assumir o caráter de “verdade” universal e gerar medo e insegurança ou ganhar ares de espetáculos e sensacionalismo levando a crer que a situação não é drástica como aparenta.